

**CONEXÕES ENTRE DIREITO E LITERATURA-ANÁLISE DA OBRA CINQUENTA TONS DE CINZA À LUZ DO FEMINISMO.**

**CONNECTIONS BETWEEN LAW AND LITERATURE-ANALYSIS OF THE WORK FIFTY SHADES OF GRAY IN THE LIGHT OF FEMINISM.**

*Adriana Rodrigues da Costa<sup>1</sup>*

*Aline Pires de Souza Machado de Castilhos<sup>2</sup>*

*Roberta Eggert Pool<sup>3</sup>*

**Resumo:** Direito e Literatura se colocam nesta pesquisa no sentido de explorar juridicamente a narrativa literária de Cinquenta Tons de Cinza, que povoou o imaginário feminino não só no auge de seus lançamentos, mas também posteriormente, ao explorar uma história que, mesmo sendo uma exaltação aos abusos no relacionamento, é vista como uma história de amor moderna. A obra objeto de estudo deste artigo é representativa no sentido de que nos permite pensar diversos pontos de intersecção do pensamento patriarcal e das lutas travadas pelas mulheres. Desta forma, buscamos ainda compreender o interesse e euforia de grande parte das mulheres pela trama dos personagens Grey e Anastásia, respectivamente dominador e submissa, numa perspectiva histórica intimamente conectada a sociedade atual que ainda hoje a (re) produz.

**Palavras-chave:** Feminismo; sociedade patriarcal; machismo estrutural.

**Abstract:** Law and Literature are placed in this research in order to legally explore the literary narrative of Fifty Shades of Grey, which populated the female imagination not only at the height of its releases, but also later, when exploring a story that, despite being an exaltation to abuse in the relationship, is seen as a modern love story. The work that is the object of study of this article is representative in the sense that it allows us to think about different points of intersection of patriarchal thinking and the struggles waged by women. In this way, we also seek to understand the interest and euphoria of most women for the plot of the characters Gray and Anastasia, respectively dominating and submissive, in a historical perspective intimately connected to the current society that still (re)produces it today.

**Keywords:** Feminism; patriarchal society, exstructural machismo.

<sup>1</sup> Graduanda em Direito no Centro Universitário UniFtec. Pedagoga pela Ulbra. Habilitação em Magistério pelo Colégio Santa Catarina. Estagiária do TJRS, na Vara de Execução Criminal de Novo Hamburgo.

<sup>2</sup> Doutoranda e Mestre em Ciências Criminais pela PUC/RS. Graduada em Ciências Jurídicas e Sociais pela PUC/RS. Especialista em Direito Penal e Política Criminal pela UFRGS. Servidora Pública do TJRS. Professora do Centro Universitário UniFtec e do CJUD do TJRS.

<sup>3</sup> Doutoranda em Direito pela PUC/RS. Mestre em Ciências Criminais pela PUC/RS. Especialista em Direito Público e Bacharela pela Universidade Estácio de Sá. Professora de Direito Penal e Criminologia na Faculdade Dom Alberto. Pesquisadora CAPES. Advogada Criminalista - OAB/RS 92.658B. E-mail: roberta@vieiraepoll.adv.br.

## Volume 12 – Número 2 (2022) - Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil

### 1. INTRODUÇÃO

Grande parte das obras literárias escritas para o público feminino sempre teve como ponto de partida um casal, heterossexual, a viver uma história de amor. Dentro deste clichê, a narrativa costuma ser a de uma mulher que ama um homem viril, perigoso, rico, atraente e abusivo, fazendo da violência um componente próprio da história.

Neste sentido, fazendo referência a Harlequin Enterprises, ULC, maior editora mundial de romance e ficção feminina fundada no Canadá, no ano de 1949 e adquirida pela Murdoch, em 2014, e a veiculação de obras destinadas para o público feminino, PUHL e SILVA trazem que

A coleção da Harlequin começa a ser veiculada em 1958 e atinge em 1977 uma difusão de 100 milhões de exemplares distribuídos e traduzidos em diversas línguas. Essas publicações destacavam os clichês amorosos de amor à primeira vista, o sonho do homem carinhoso e rico, reforçando a identidade feminina apoiada na realização amorosa (PUHL e SILVA, 2007, p.57).

Assim, com um enredo bastante usual, como se fosse uma receita de bolo que sempre dá certo, os romances escritos no passado e no presente, circulavam e circulam, propagandeando discursos errôneos, estereotipados e machistas, reiterando o exercício de domínio do homem.

A dominação masculina encontra, assim reunidas todas as condições para o seu exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte (...) (BOURDIEU, 2003, p. 45).

Não se faz necessário uma análise atenta para perceber que nessas narrativas românticas a violência tem início em sua forma verbal e psicológica, evoluindo para violência física e à violência sexual praticada contra a mulher. E é neste sentido que, a relação sexual transforma-se em uma forma de punir a parceira.

Estando o abuso sexual intimamente ligado à trajetória de controle do homem em relação à mulher, tal face da violência nessas produções parece naturalmente regulamentada, como bem escreve a autora JAMES

- O senhor fala como um maníaco por controle. - Ah, eu controlo tudo, Srta. Steele – diz ele sem nenhum vestígio de humor no sorriso. ” [...] Além do mais, é possível conquistar um imenso poder quando nos convencemos, em nossos devaneios mais secretos, de que nascemos para controlar ... (JAMES, 2012, p. 13).

## Volume 12 – Número 2 (2022) - Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil

A erótica obra Cinquenta Tons de Cinza, traduzida em de 51 línguas, constando em alguns países como “As Cinquenta Sombras de Grey”, da autora Erika Leonard James, teve o primeiro livro de sua trilogia lançado no ano de 2011, vendendo mais de dez milhões de exemplares nas primeiras seis semanas.

De acordo com O Globo, a série ultrapassou a marca de 100 milhões de cópias vendidas mundialmente e se tornou uma das séries mais populares da história da literatura.

Diante do estrondoso sucesso, a publicação independente ganhou imensa disputa por parte das editoras. A trama tomou conta do espaço midiático despertando fantasias e estimulando a imaginação de seu público feminino.

Nos anos seguintes vieram os demais títulos: Cinquenta Tons Mais Escuros, Cinquenta Tons de Liberdade, Grey, Mais Escuro, e Livre.

Ao entrevistar o empresário Christian Grey, Anastasia Steele descobre um homem bastante atraente, envolvente e dominador. A jovem e Ingênua Ana, como é chamada, se vê fortemente atraída pelo rapaz apesar do ar misterioso que o cerca. Grey, encantado com a beleza e timidez de Ana, também a deseja, mas estabelece normas contratuais para tê-la. Anastasia, depois de hesitar, aceita os termos do contratuais e praticamente se declara como propriedade de seu senhor.

Christian Grey esconde atrás da fortuna e sucesso o homem que realmente é, sedento pela necessidade de estar no controle. Ao iniciarem um picante relacionamento, Ana descobre os segredos que Christian esconde. Com um sentimento de ameaça iminente, Anastasia vai apagando sua identidade e se desconhecendo pouco a pouco, transfazendo suas ações para evitar atritos com seu amado.

Com o folhar das páginas, a jovem mulher mostra-se cada vez mais inoperante e aprisionada no relacionamento doentio, passando a agir roboticamente frente aos atos abusivos do parceiro, dando continuidade a uma espécie de círculo vicioso de subordinação cultural ao qual foram submetidas as mulheres desde remotos tempos.

Nesta direção, MARTINI faz o seguinte apontamento

Pesquisas apontam que a primeira base de sustentação da ideologia de hierarquização masculina em relação à mulher, e sua consequente subordinação, possui cerca de 2.500 (dois mil e quinhentos) anos, através do filósofo helenista Filon Alexandria, que propagou sua tese baseada nas concepções de Platão, que defendia a ideia de que a

## Volume 12 – Número 2 (2022) - Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil

mulher pouco possuía capacidade de raciocínio, além de ter alma inferior à do homem. Ideias, estas, que transformaram a mulher na figura repleta de futilidades, vaidades, relacionada tão-somente aos aspectos carnavais. (MARTINI, p. 8).

O contrato abusivo, repleto de cláusulas influenciadas pela sociedade patriarcal, coloca a mulher-Anastasia-, já em posição de vulnerabilidade, como um objeto a serviço de Grey.

Não se limitando apenas a reger sobre as práticas sexuais, às quais Ana deveria submeter-se sem reclamações sempre que Grey assim desejasse, tal contrato adentra na esfera de sua vida privada ao estabelecer o controle sobre sua alimentação, vestimentas, rotina de exercícios físicos, consumo de bebidas, tratamentos de beleza e outros vários desatinos que, quando não cumpridos, caberia a aplicação de castigos, de modo a disciplinar a submissa.

Nesta linha, a reflexão de PATEMAN vem a ilustrar com perfeição,

A dominação dos homens sobre as mulheres e do direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original. O Contrato Social é uma história de liberdade. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história, que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. A liberdade civil não é universal, é um atributo masculino e depende do direito patriarcal. (PATEMAN, 1993, p. 16-17).

A história desenvolve-se em meio a uma série de abusos, agressões, tanto físicas como psicológicas, onde o carrasco consegue convencer a vítima de que esta deve sentir-se honrada e feliz por estar a servi-lo.

...a especificidade das práticas de violência contra a mulher é lhes deixar bem explicitado quem é o detentor da autoridade no espaço doméstico-familiar e que a “sua” mulher deve estar submetida a tais normas, sabendo, inclusive, que a qualquer momento poderá prestar contas a seu marido/companheiro, caso ele assim o desejar. BANDEIRA e THURLER (2009, p.164)

A concepção foucaultiana de poder traz que “a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias”. (FOUCAULT, 1988, p. 98).

Neste substrato, cumpre salientar que a vida das mulheres, a objetificação de seus corpos e, por conseguinte, à negação de seus direitos, continua a ser amplamente

## Volume 12 – Número 2 (2022) - Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil

explorada na ficção e refletida na realidade, utilizando a própria vítima como meio de construção de seu algoz, conforme explica LERNER

Há milênios, as mulheres participam do processo da própria subordinação por serem psicologicamente moldadas de modo a internalizar a ideia da própria inferioridade. A falta de consciência da própria história de luta e conquista é uma das principais formas de manter as mulheres subordinadas (Lerner, 2019, p. 267-268).

### 2. A IMAGEM DA MULHER PROJETADA EM ANASTASIA

Anastasia Steele é uma jovem tímida, virgem e de aparência frágil que mora com sua melhor amiga, a qual a autora descreve como bonita e atraente. São inúmeras as vezes em que Ana, fazendo um comparativo com a imagem da amiga, acha-se feia e sem atrativos. Sua autoestima é baixa, mas sua insegurança é alta. Suas falas sobre si mesma não valorizam suas qualidades, apenas destacam seus pontos fracos no que se refere a imagem e personalidade, como bem evidencia o trecho da obra

...eu jamais me expus. Uma vida de insegurança - sou muito pálida, muito magra, muito desleixada, descoordenada, minha lista de defeitos é longa. Sempre fui eu a repelir quaisquer possíveis admiradores. (JAMES, 2011, livro 1, p. 51).

Neste toar, a representação é condicionada a um conjunto de signos partilhados, que através de sua representatividade são capazes de construir identidades. Em continuidade ao pensamento expressado, a contribuição de SPERBER se faz pertinente

[...] há representações internas ao dispositivo do processo informativo, isto é, representações mentais, e há representações externas ao dispositivo [...], isto é, representações públicas. [...] há, então, duas classes de processos [...]: processos intra-subjetivos de pensamento e memória, e processos intersubjetivos através dos quais as representações de um sujeito afetam as representações de outros sujeitos através de modificações dos seus ambientes comuns (SPERBER, 1985, p.77).

Não temos nenhuma pretensão em discutir ou condenar a preferência sadomasoquista de Christian Grey, uma vez que, debater sobre práticas sexuais é algo complexo, haja vista a colisão com conjecturas morais, religiosas e jurídicas, entre outras, estando o foco em questionar o que estaria por trás do papel de submissa assumido por Ana ao passo que parece transformar-se em masoquista.

De acordo com a teoria de DEUTSCH, a mulher carrega na fórmula sua sexualidade os fatores passividade, narcisismo e masoquismo. Ao passo que as

## Volume 12 – Número 2 (2022) - Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil

mulheres aceitam a doutrina de passividade ditada pelo meio social passam a ser amadas e acolhidas.

A autora, que também foi paciente de FREUD, traz ainda que, o imenso carecimento de sentir-se amada estaria ligado ao fato de sentirem-se inferior por conta de sua anatomia, que diferentemente do homem, não é dotada de um falo.

Nesse caso, chegamos a um desenvolvimento que, muitas vezes, acontece com a mulher: a atividade se transforma em passividade e ela abre mão da agressão para ser amada. Nessa renúncia, as forças agressivas que não são ativamente gastas devem encontrar uma saída e o fazem fornecendo à posição passiva de ser amada uma característica masoquista. (DEUTSCH, 1947, p.232).

Nesta senda, Helena Deutsch defende que as mulheres estão habituadas a dor, a exemplo do parto. Assim, o masoquismo oportunizaria a familiarização dos sofrimentos próprios de sua existência.

Corroborando com o que está sendo discutido apontamos a contribuição de FREUD

A supressão da agressividade das mulheres, que lhes é instituída constitucionalmente e lhes é imposta socialmente, favorece o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas que conseguem, conforme sabemos, ligar eroticamente as tendências destrutivas que foram desviadas para dentro. Assim, o masoquismo, como dizem as pessoas, é verdadeiramente feminino. (FREUD, 1933, p. 143-144).

Ao reafirmar as mulheres no conhecido e velho posto de dependente do amor e desejo do objeto amado, reforça-se a ideia de que estariam dispostas a qualquer coisa, a qualquer preço para fazerem-se amar, principalmente quando o ser amado possui predicados como beleza, riqueza e status. Neste toar, faz-se pertinente a teoria de LACAN, na qual coloca que “o masoquismo feminino é uma fantasia masculina”. (LACAN, 1962-1963, p. 730 e 731). Desta forma, a mulher seria o que o homem desejasse que esta fosse, mesmo que isso significasse a anulação de suas vontades e sua inteira submissão na tentativa de conquistar uma garantia de amor incerta.

Contudo, a teoria de Simone de Beauvoir, a qual defendemos, retrata que a passividade, vista como uma característica inerente as mulheres desde a infância, não é da sua natureza, e sim uma condição a elas imposta.

Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher ‘feminina’ é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. (BEAUVOIR, 1949, p. 375).

Trilhando também para este norte, CONDORCET reitera que

## Volume 12 – Número 2 (2022) - Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil

Diz-se que a mulher, não obstante ser superior em alguns respeitos ao homem - mais gentil, mais sensível, menos sujeita aos vícios que procedem do egoísmo e da dureza de coração - não possui realmente o sentimento da justiça; ela prefere obedecer a seus sentimentos a obedecer à sua consciência. Esta observação é mais correta, mas nada prova; não é a natureza, é a educação, é a existência social que produz esta diferença. Nem uma nem outra habituou as mulheres à ideia do que é justo, mas só à ideia do que é “honnête”, ou respeitável. Excluídas dos negócios públicos, de todas aquelas coisas que são julgadas de acordo com rigorosas ideias de justiça, ou de acordo com as leis positivas, as coisas com as quais elas se ocupam ou que são afetadas por elas são precisamente aquelas que são reguladas por sentimentos naturais de honestidade (ou, melhor dizendo, por aquilo que é apropriado) e pelos sentimentos. É, então, injusto alegar, como desculpa para continuar recusando às mulheres o desfrute de todos os seus direitos naturais, motivos que só têm realidade porque às mulheres falta a experiência que vem do exercício destes direitos (CONDORCET, 1789).

### 3. 50 TONS DE VIOLÊNCIA

Alicerçado em dois poderosos interesses que sempre mexem com as pessoas- sexo e violência- a obra é taxada como livro erótico e romântico para mulheres, sendo seu conteúdo representativo perigo para seu público, haja vista que a história poderia ter cunho erótico sem nenhuma necessidade de abuso e violência. Contudo, o texto, mais do mesmo, ganhou um toque de glamour em suas práticas violentas, corroborando para que fosse amplamente aceito e aplaudido, fato este, que reafirma ainda hoje, a violência como ferramenta concêntrica utilizada na investida de submissão feminina.

Da violência psicológica a mais embrutecida violência física contra as mulheres, existe um facilitador: o papel social esperado, portanto imposto, reforçado pela cultura patriarcal que desvela-nos relações de poder e dominação muitas vezes violentas entre os sexos, e justificadas pela inferioridade hierarquizada da mulher; por sua subordinação (VILHENA, 2011, p. 25-26).

A violência contra a mulher manifesta-se nos mais variados cenários sociais, experimentando metamorfoses regulares e tornando-se um grande desafio a ser enfrentado pelas sociedades de todo o globo, sendo possível sua definição como

[...] uso da força física, psicológica ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não está com vontade; é constranger, é tolher a liberdade, é incomodar, é impedir a outra pessoa de manifestar seu desejo e sua vontade, sob pena de viver gravemente ameaçada ou até mesmo ser espancada, lesionada ou morta. É um meio de coagir, de submeter outrem ao seu domínio, é uma violação dos direitos essenciais do ser humano (TELES e MELO, 2003, p.15).

Em se tratando de violência psicológica, esta resta amplamente demonstrada em diversas variantes ao longo da narrativa. Na ânsia de obter o controle sobre a

## Volume 12 – Número 2 (2022) - Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil

mulher e seu comportamento, o personagem masculino perpassa a questão do relacionamento sexual, passando a fazer uso do sentimento de amor da personagem feminina para com o ser amado, para coagi-la.

Silenciosa, não se inicia com um soco ou uma facada. Começa aos poucos, com uma humilhação, uma ofensa. Repugnante, atinge o que se tem de mais precioso - a dignidade. Asfixiante, aprisiona a vítima num ciclo formado por agressão-medosilêncio. Paralisante, pois uma vez exaurida a capacidade de reação com a supressão total da autoestima, conduz o ofensor ao pilar da dominação (PEDROTTI, 2010).

Conforme o artigo 7º, II, da Lei Maria da Penha, por violência psicológica entende se:

qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e a autodeterminação (BRASIL, 2006).

A Lei nº 14.188, de 28 de julho de 2021, a fim de proteger a mulher contra investidas que atinjam sua saúde mental, inseriu no ordenamento o tipo penal com o nome jurídico de "violência psicológica contra a mulher", praticamente repetindo o dispositivo anterior.

*Artigo 147-B — causar dano emocional à mulher que a prejudique e perturbe seu pleno desenvolvimento ou que vise a degradar ou a controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, chantagem, ridicularização, limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que cause prejuízo à sua saúde psicológica e autodeterminação: Pena — reclusão, de seis meses a dois anos, e multa, se a conduta não constitui crime mais grave.*

Desta forma, não se pode fechar os olhos para as implicações causadas por leituras onde se viola o psicológico e o físico como se a vítima de acordo estivesse. Portanto, complexificar as discussões fundantes que tornaram natural essa disposição social e visão trivial de relação de gênero vem a ser um importante exercício no combate à violência contra a mulher, pois tal ação nos permite resgatar a construção histórica das relações homem x mulher, possibilitando manifestações de resistência.

Assim, a euforia das mulheres frente a obra em tela, de forma a não perceber ou simplesmente ignorar a notória dominação de Grey a Anastasia, vem de encontro ao pensamento de que os fundamentos da sociedade patriarcal facilmente se asseveram em sua já sólida e histórica estrutura.



## Volume 12 – Número 2 (2022) - Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil

Neste diapasão, BOURDIEU coloque que

*A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça (BOURDIEU, 1999, p.19).*

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perguntado se a mulher gosta de carinho, respondi: - “Pelo contrário. A mulher gosta de apanhar”. Com divertido horror, perguntou-me Hebe Camargo: - Todas? E eu: - “Nem todas. Só as normais. As neuróticas reagem.” (NELSON RODRIGUES).

Quando uma obra como a qual debruçamos nossas reflexões atinge tamanho alcance, mesmo depois de tantas lutas para que as mulheres não mais ocupassem um lugar de submissão e pudessem gozar de direito e igualdade, até mesmo no que diz respeito ao sexo e ao prazer, resta clara a necessidade da realização de um estudo de modo a compreender este fenômeno.

A história entre as personagens não é algo distante da realidade, pois são corriqueiros os casos em que as mulheres permanecem no relacionamento abusivo por acreditarem que o amor que sentem pelo parceiro irá muda-lo.

Tristemente histórias de ficção como a analisada nesta pesquisa estimulam relações abusivas, seguindo a direção contrária das lutas femininas por direito a igualdade, liberdade e respeito. O consumo de literaturas com esta roupagem sem dúvidas corrobora no sentido de alimentar um íntimo e secreto desejo de viver situação semelhante em um contexto real, o que pode até mesmo representar perigo a vida de mulheres.

A trama em tela não é apenas um livro que conta uma história de amor e sexo ardente, suas páginas revelam as práticas sociais, morais, e políticas de nosso tempo passado materializadas no tempo presente, confirmando o fato de que a violência contra a mulher ainda hoje possui um caráter normativo e naturalizado.

Na tentativa de trazer à tona uma inaltêntica libertação da sexualidade feminina, restou evidenciada a terrível marca da dominação e da violência, permanecendo a mulher inerte diante de sua exploração, tornando-se mero brinquedo a satisfazer o sadismo do personagem masculino.

O furor, provocado pelo clima de erotização dado a história, entorpece quem o lê ao ponto de que, perceber a gravidade do que está a ser apresentado se torna quase impossível

## Volume 12 – Número 2 (2022) - Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil

diante da suposta modernização do discurso que tenta apresentar violência e dominação, colocando a mulher como objeto para a satisfação do desejo masculino, como algo sexy e excitante.

Nas páginas da vida real, possivelmente, muitas mulheres sonham em viver uma história semelhante com um homem sedutor e controlador como o protagonista de 50 Tons de Cinza, e certamente outras tantas lutam com o terror de ter um Christian Grey em suas vidas.

Compreender a problemática que envolve a violência contra a mulher requer pensar acerca do lugar planejado para homens e mulheres, pois a sociedade patriarcalista facilita a eclosão de meios a fim de que o homem, ao praticar violência contra a mulher, tenha a sensação de que seu ato é justificável e legitimado, ao passo que corrobora para que a própria mulher permaneça inócua quando agredida.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Lourdes. THURLER, Ana Liési. *A vulnerabilidade da mulher à violência doméstica: aspectos históricos e sociológicos*. In: LIMA, Fausto Rodrigues. SANTOS, Claudiene. *Violência Doméstica: vulnerabilidades e desafios na intervenção criminal e multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Lúmen Juris, 2009. Pp. 159- 167.

BEAUVOIR, S. de (2009) *O segundo sexo* (Milliet, S., Trad. 2a. ed.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. (Obra original publicada em 1949).

BRASIL. *Código penal, processo penal e Constituição Federal*. 4. Ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BORDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CONDORCET, Marquês de. *Sobre a admissão das mulheres aos direitos da cidadania*. Palavras de Homens. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1989.

DEUTSCH, Helene. *Masquismo feminino*. In: *La psicología de la mujer*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1947.

FREUD, S. Conferência XXXIII: *Feminilidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Ed. standard brasileira das obras completas, 22).

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

<https://oglobo.globo.com/cultura/50-tons-de-cinza-ultrapassa-marca-de-100-milhoes-de-copias-vendidas-11727715>. Acesso em 27 de maio de 2022.

Volume 12 – Número 2 (2022) - Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil

<https://oglobo.globo.com/economia/murdoch-compra-maior-editora-de-romances-femininos-do-mundo-12366844>. Acesso em 20/09/2022.

JAMES, E.L. *Cinquenta Tons de Cinza*, Vol. 1, 2012, Ed. Intrínseca.

LACAN, J. *A Angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005. (O Seminário, 10).

LERNER, G. *A criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres pelos Homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.

MARTINI, T. *A Lei Maria da Penha e as medidas de proteção à mulher*. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) – Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Itajaí, 2009. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/thiara%20martini.pdf>. Acesso em 10/09/2022.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

PEDROTTI, Carla Souto. *Violência contra a mulher – o papel de cada um*. Disponível em: [https://www.cnmp.mp.br/portal/images/FEMINICIDIO\\_WEB\\_1\\_1.pdf](https://www.cnmp.mp.br/portal/images/FEMINICIDIO_WEB_1_1.pdf). Acesso em: 07/10/ 2022.

PUHL, Paula Regina, SILVA, Cristina Ennes. *O amor como entretenimento: A trajetória dos romances sentimentais*. Anuário Unesco/ Metodista de comunicação Regional, Ano 11. n.11, 41-52, jan/dez,2007.

SPERBER, D. *Anthropology and psychology: Towards an epidemiology of representations*. Man: 20:70-89, 1985.

TELES, Maria Amélia de Almeida, MELO, Mônica de. *O que é Violência contra a Mulher*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2003.

VILHENA, Valéria Cristina. *Uma igreja sem voz: análise de gênero da violência doméstica entre mulheres evangélicas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011